

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Dia (Ref)

Class.: EALRO 268

Data: 27 de fevereiro de 1989

Pg.: \_\_\_\_\_

FERNANDO GABEIRA

**N**ESSE momento em que todos os índios começam a voltar para as suas aldeias e todos os brancos para seus países, fico pensando sobre o que restou do I Encontro das Nações Indígenas do Xingu. Nunca houve um evento com tanta cobertura da imprensa estrangeira. Havia mais gente cobrindo Altamira do que cobrindo o carnaval. Nunca numa mesma semana se falou tanto da Amazônia, do Papa e George Bush.

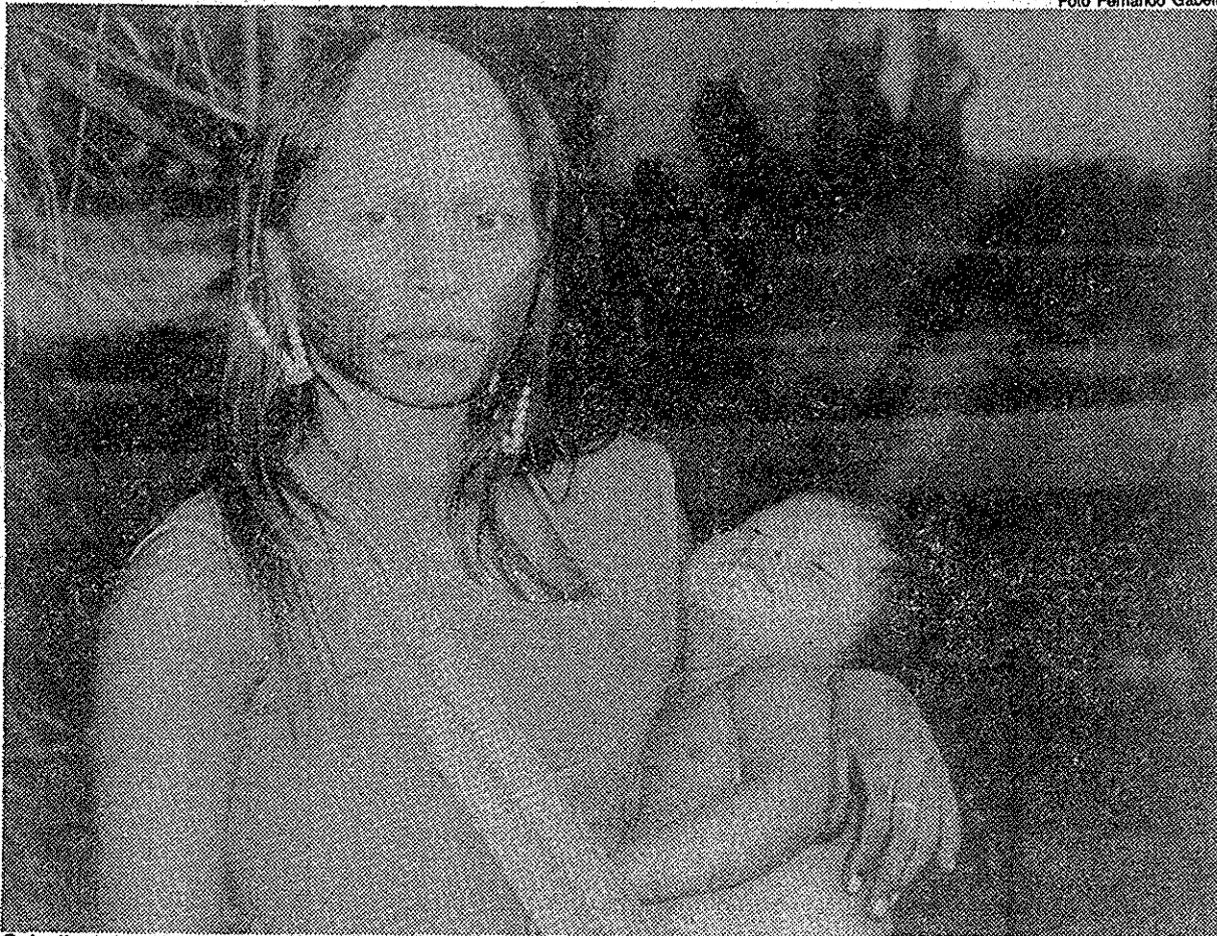
Quem tem o hábito de ler esta coluna, talvez não fique tão surpreendido. Faz mais de 1 mês que mencionávamos o Encontro de Altamira. E desde o meio do ano passado, um pouco solitariamente, denunciávamos as queimadas como algo que poderia transformar a imagem do Brasil no resto do mundo.

Mesmo para nós, o Encontro de Altamira foi surpreendente. Não contávamos com a presença de tanta gente, além dos próprios jornalistas. Os movimentos ecológicos do mundo inteiro se fizeram presentes e até pessoas que se dedicam ao comércio vieram para cá, a fim de mostrar para as classes dominantes da Amazônia que existe um mercado para os produtos brasileiros extraídos da floresta, desde que trabalhados de forma a não destruí-los. É o caso, por exemplo, dos donos da grande cadeia de lojas inglesa a Body Shop, que tem 112 filiais na Inglaterra e 45 no resto do mundo industrializado.

O encontro revelou também a

# Adeus Altamira

Foto Fernando Gabeira



O indiozinho Kaiapó testemunhou o Encontro de Altamira, que o mundo acompanhou pela imprensa

aliança das velhas lideranças indígenas, como Raoni, com as novas, encarnadas por Paiakan, o líder kaiapó que idealizou o projeto e conseguiu dirigi-lo com bastante firmeza, mesmo no momento em que a índia Taira botou o facão no rosto do diretor da Eletronorte.

O Brasil, definitivamente, passou a ser um dos centros das lutas ecológicas mundiais. Acho bobagem ficar perguntando quem está ou não está na vanguarda. Mas a defesa das florestas tropicais pelos índios e seringueiros, mais a pressão sobre o Governo e opinião pública, passam a ser atividades de interesse de toda a humanidade.

Saímos do Encontro, tanto os índios como os brancos que vivem aqui no Brasil, com uma noção da gravidade de nossa tarefa. Sobretudo os brancos têm a responsabilidade de apresentar mais do que uma negativa ao falso progresso, um projeto alternativo que diga como a Amazônia pode crescer no futuro.

No corre-corre do trabalho, decidi colocar um rolo de filme preto e branco na máquina e operei um filme de um indiozinho kaiapó, especialmente para contar aqui um dos momentos mais íntimos desse Encontro de Altamira, marco zero do novo momento da luta ecológica do Brasil.